

O NACIONAL E O LOCAL NO JORNALISMO POLICIALESCO: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NOS PROGRAMAS CIDADE ALERTA E CIDADE ALERTA ALAGOAS

Daniel Tavares da Silva¹

Matheus Tenório da Silva²

Olívio Candido da Silva Filho³

Danielle Cândido da Silva Nascimento⁴

Jornalismo



**cadernos de
graduação**

ciências humanas e sociais

ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Este artigo se propõe a avaliar as diferenças entre a produção de matérias jornalísticas de cunho policial, transmitidas em veículos de uma mesma rede televisiva: os programas Cidade Alerta (TV Record) e Cidade Alerta Alagoas (TV Pajuçara). Por meio de uma comparação analítica que tem o intuito de observar a construção da reportagem, matéria especial e notícia, partimos do pressuposto de que na edição local do policialesco segue-se um padrão cuja informação é transmitida de maneira mais rápida, até se prejudicar o levantamento dos dados. Fundamentamos esta pesquisa nas Teorias do Jornalismo, baseados em Pena (2005) e Traquina (2012), para justificar os métodos utilizados na elaboração do produto jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE

Telejornalismo. Jornalismo Policial. Linha Editorial. Cidade Alerta.

ABSTRACT

This article proposes to evaluate the differences between the production of police journalistic material transmitted in vehicles of the same television network: the programs City Alert (TV Record) and City Alert Alagoas (TV Pajuçara). The purpose of observing the construction of the report, special matter and news, we start from the assumption that in the local edition of the police program follows a pat-

tern whose information is transmitted more quickly, even if this is detrimental to the data collection. We base this research in the in Theories of Journalism, Pena (2005) and Traquina (2012), to justify the methods used in the elaboration of the journalistic product.

KEY WORDS

Telejournalism. Police journalism. Line Editorial. City Alert.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de globalização, a notícia passa a ser consumida de forma muito mais rápida pelas novas mídias, além do jornalismo convencional – impressos, rádio e TV. Tornou-se uma necessidade ficar informado sobre tudo que está ao redor. Porém, a quase instantaneidade com que os fatos são reportados pode empobrecer uma cobertura jornalística, já que o que ocorre logo em seguida ao ato é muito confuso: surgem diferentes versões do acontecimento; a polícia chega pouco antes da equipe de reportagem e não tem tempo suficiente para realizar um trabalho sólido de levantamentos, ligações ou confirmações de informações; além do tempo reduzido para a edição e fechamento do que foi produzido.

Sabemos, também, que há distinções entre uma emissora de rede – em que sua programação é retransmitida nacionalmente – e uma afiliada local. Essas diferenças são evidentes na estrutura da empresa, na linha editorial que interfere diretamente na formatação das notícias e no conteúdo produzido com o objetivo do lucro. Em veículos de repercussão nacional, por exemplo, a maior parte dos investimentos publicitários dos anunciantes são voltados para a área do entretenimento, enquanto que no âmbito regional, concentra-se no “jornalismo policial sensacionalista”.

Diante desse contexto, este artigo busca entender por que o material que é exibido no Cidade Alerta Alagoas é modesto quando se refere à apuração de informações, para a qual o repórter se detém apenas ao registro do fato com a finalidade de que a notícia seja exibida pouco tempo depois do ocorrido. Já na versão nacional, o tempo de apuração dos dados é maior e, com isso, quando o material é veiculado, já se tem um levantamento de informações considerável: como ocorreu, nome do suspeito, laudo do legista, testemunho de familiares e vizinhos e etc. Como os dois telejornais de uma mesma rede podem tratar a notícia de forma tão diferenciada?

Para responder a esse questionamento, entendemos, primeiramente, que estamos diante de distintos gêneros jornalísticos que circulam na mídia televisiva: a notícia e a reportagem. A partir desses conceitos, buscamos as noções que caracterizam o jornalismo policial e também as novas vertentes atreladas a ele – sensacionalismo e entretenimento – que o descaracterizam ou o tornam híbrido. Estamos, pois, diante do que ainda podemos chamar de jornalismo ou as notícias passam a ser o que são de acordo com interesses comerciais?

2 PANORAMA DO JORNALISMO POLICIAL

Nos dias atuais, é imprescindível estar bem informado em todos os aspectos. No entanto, não temos o dom da onipresença nem tampouco da onisciência. Logicamente, necessitamos saber o que está acontecendo em nossa volta por meio de alguém. Já que não podemos estar em todos os lugares ao mesmo tempo, queremos, pelo menos, acreditar que sabemos o que acontece nos lugares mais longínquos do universo.

Segundo Pena (2005), a natureza do jornalismo está no medo, o medo do desconhecido que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. “Tentamos ter o dom da obliquidade através da alteridade, pois a ilusão da onipresença é construída pelas informações produzidas pelo outro” (PENA, 2005, p. 22). É devido a essa sede pelas informações que o mercado de notícias se mantém firme e forte até hoje e, a tendência é continuar assim.

Mas, o que é notícia? Esse gênero jornalístico é conceituado como um relato de um fato novo de interesse público/social. Traquina (2012) considera a notícia como a matéria prima do jornalismo e, independente da mídia em que o produto jornalístico é produzido, essa definição não muda. Porém, o que diferencia, por exemplo, uma notícia de TV de uma de rádio é apenas a linguagem que é utilizada para repassar as informações para o público. No caso dos produtos jornalísticos produzidos para TV, o elemento primordial é a imagem, por isso, o modo como ocorre a construção da notícia é um pouco diferente.

Já a definição de reportagem é, segundo Pena (2005), quase sempre construída em comparação com a notícia. Todavia, distinguindo-se os dois gêneros temos reportagem como um relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes, por meio de uma expansão que situa o fato em suas relações mais óbvias com outros fatos antecedentes, consequentes ou correlatos.

A distância entre a reportagem e a notícia estabelece-se na prática, a partir da pauta, isto é, do projeto de texto. Para as notícias, as pautas são apenas indicações de fatos programados, já reportagens pressupõem outro nível de planejamento, é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. (LAGE, 2005, p. 56).

Dentro do gênero reportagem, tem-se ainda várias subdivisões. Lage (2005), por exemplo, considera três gêneros de reportagem: a “investigativa”, a “interpretativa” e o que ele chama de “novo jornalismo”, que utiliza técnicas literárias para a construção material. Contudo, Pena (2005) vai além e cita outros modelos, bem mais específicos, com destaque para a “reportagem de fatos”, a qual ele define como aquela que aproveita a dra-

maticidade de um fato e aprofunda seu conhecimento, abrindo novas áreas do contexto, entendimento de causas e efeitos – o que também pode ser denominado de “matéria especial”.

Quando o jornalismo se dedica a noticiar fatos criminais, judiciais, de segurança pública, do sistema penitenciário e em investigações policiais, estamos falando de Jornalismo Policial. Também conhecido como jornalismo popular, devido a forma como é feita a abordagem dos fatos, esse gênero jornalístico possui um caráter sensacionalista, com a intenção de prender a atenção do público para continuar assistindo aos programas.

Quando o Jornalismo Policial se materializa no gênero notícia, a apuração do fato tem que ser praticamente instantânea, não havendo condições de uma pesquisa mais aprofundada. Os repórteres são mais participativos e opinativos e estimulam o interesse dos telespectadores, mesmo quando o fato noticiado carece de relevância.

O repórter de telejornal policial se torna um integrante ativo. Sua participação é parcial e pode, em determinados casos, interferir com a realidade daquele fato [...]. Em determinados casos, a interferência do repórter também serve para manipular momentos que não estão correspondendo com a expectativa de uma determinada situação. Nesse sentido, criam-se situações que aumentam o potencial de um fato para que ele se torne mais fluente aos olhos em um espetáculo de ficção, pois, em determinadas situações até elementos da dramaturgia como a tensão dramática, a identificação com o herói ou com vilões, as expressões oral e facial são utilizados para sensibilizar o telespectador. (PERIAGO, 2004, p. 11).

Além disso, a linguagem utilizada nos policialescos é outro elemento que o diferencia do jornalismo tradicional: trata-se de uma linguagem informal, muitas vezes se valendo de gírias e expressões coloquiais, que dão o tom de uma conversa direta com o telespectador. Borges (2002) afirma que o telejornalismo brasileiro, seguindo um padrão internacional, historicamente foi delineando-se como uma forma de show televisivo. A própria história da televisão brasileira parece ter contribuído fortemente para a intensificação dessa linha na produção nacional.

Ao longo dos 21 anos de poder nas mãos dos generais, esmagaram-se projetos de um jornalismo de TV independente, capaz de contribuir para a elevação da qualidade da cidadania. A sociedade brasileira foi anestesiada por um padrão anódino de noticiário, passando ao largo das grandes questões nacionais e longe das críticas. Se pelo aspecto tecnológico criou-se uma

televisão de ponta, capaz de se rivalizar com as melhores do mundo, com respeito ao conteúdo desceu-se aos níveis mais baixos, particularmente no jornalismo [...]. A herança da ditadura no noticiário está viva até hoje. A informação cedeu lugar ao espetáculo. E os grandes temas nacionais, muitas vezes vistos de forma conflituosa, por diferentes atores sociais, estão excluídos da tela. (BORGES, 2002, p. 47).

Na televisão, essa editoria é o carro-chefe de muitas emissoras do país, principalmente as locais, nas quais os espaços reservados na programação são quase que inteiramente dedicados a esse gênero. Tudo isso pelo fato de ser um produto relativamente fácil de ser produzido e que atinge excelentes índices de audiência e, com isso, vende-se os espaços publicitários com muita facilidade.

Como define Traquina (2012), a notícia é um produto à venda e que está exposta na vitrine do capitalismo industrial. Com o intuito de compreender porque as notícias são como são, o jornalismo virou objeto de estudo e a partir daí surgiram diversas teorias para desmistificar a construção da notícia.

A Teoria do Espelho foi a primeira metodologia utilizada na tentativa de explicar por que as notícias são como são. O surgimento dessa tese está atrelada às mudanças que ocorreram na imprensa americana na segunda metade do século XIX. Pena (2005) afirma que a base dessa teoria é a ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano.

Por essa teoria, o jornalista é um mediador desinteressado, cuja missão é observar a realidade e emitir um relato equilibrado e honesto sobre o que foi observado, com o cuidado de não apresentar suas opiniões pessoais. Os fatos substituem os comentários e assim acredita-se que a palavra pode refletir a realidade.

Mas o jornalismo está longe de ser o espelho do real. É, antes, a construção social de uma suposta realidade. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas ajuda a construí-la. Esses pressupostos estão incluídos no modelo teórico de Newsmaking, cuja sistematização feita por autores como Mauro Wolf (1999) e Nelson Traquina (2012), por exemplo, leva em consideração critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção.

Com o aprofundamento dos estudos sobre o jornalismo, surge outra teoria, a do Gatekeeper. Pena (2005) classifica-a como uma teoria que privilegia a ação pessoal. O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar ou se bloqueia a informação. Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, apenas se tornam notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate*, em inglês). E quem decide isso é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o próprio profissional de jornalismo, o editor.

Toda organização dispõe de meios específicos para realizar seu trabalho e eles influenciam diretamente no produto final. Considerando a notícia como um objeto

de consumo em massa, Pena (2005) explica que, na Teoria Organizacional, o trabalho jornalístico é dependente dos meios utilizados pela organização. O fator econômico é exatamente o mais influente de seus condicionais.

O jornalismo é um negócio. E, como tal, busca o lucro. Por isso, a organização está fundamentalmente voltada para o balanço contábil. As receitas devem superar as despesas. Do contrário, haverá a falência da empresa e seus funcionários ficarão desempregados. Então, qual será o setor mais importante de uma empresa jornalística? Fácil: é o comercial. Esse setor é o responsável pela captação de anúncios para sustentar o jornal. E eles interferem diretamente na produção das notícias. (PENA, 2005, p. 135-136).

Neste contexto, o jornalista adapta-se à política editorial da organização que trabalha por meio de uma lógica sutil. As normas editoriais passam a ser mais importantes do que as suas crenças individuais. A principal fonte de expectativas, orientações e valores profissionais do jornalista não é o público, mas o grupo de referências constituídos por seus colegas e superiores, baseado nos interesses dos anunciantes.

Nesse sentido, no sensacionalismo (muito presente nos noticiários do gênero policial), os eventos e assuntos das histórias são exibidos de maneiras muito exageradas, para aumentar a audiência dos telespectadores. Algumas táticas conhecidas incluem abordagens insensíveis, apelações emotivas, criação de polêmicas, notícias com fatos intencionalmente omitidos. Basicamente, quaisquer formas de se obter forte atenção popular.

No livro *O Capital da Notícia*, Marcondes (1986) compara o sensacionalismo feito pela imprensa a regimes de governo. “No fundo a imprensa sensacionalista trabalha com as emoções, da mesma forma que os regimes totalitários trabalham com o fanatismo, também de natureza puramente emocional” (MARCONDES, 1986, p. 90).

O objetivo principal do sensacionalismo é aumentar, ou manter, a quantidade da audiência e daí aumentar o preço de ser seus espaços de anúncios, assim, finalmente, elevar os seus lucros. Obviamente, essa atitude pode diminuir o foco jornalístico aos assuntos mais objetivos, pois muitas vezes escolhas editoriais são baseadas em histórias sensacionalistas para aumentar a receita com a publicidade. Além disso, os anunciantes tendem a ter uma preferência pelos produtos sensacionalistas que compõem a grade de programação de uma TV. Logo, isso pode contribuir, ainda mais, para a parcialidade de um noticiário.

Em casos extremos, os meios de comunicação podem noticiar ainda uma situação se importando apenas em produzir uma boa história que atraia os anunciantes, sem levar consideração para a exatidão factual ou a relevância da informação. Desse modo, a mídia sensacionalista divulga livremente temas chocantes como a violência, devido a todo o apelo que esse tipo de tema tem sobre a população. Muitas vezes, sem levar em consideração o impacto que será gerado na sociedade, apresentando fatos distorcidos.

3 A INTERFERÊNCIA DO TEMPO NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

O programa policial Cidade Alerta é o principal policiaisco da TV Record. Apresentado por Marcelo Resende, ele conta com três horas de duração e vai ao ar de segunda a sexta, das 16h45min às 19h45min. É produzido em São Paulo e exibido para todo Brasil e vários outros países por meio da Record Internacional. O programa conta também com a colaboração das afiliadas da rede na produção de matérias, a exemplo da TV Pajuçara, afiliada em Alagoas, que, das 18h às 19h, interrompe a programação nacional para exibir o Cidade Alerta Alagoas, apresentado por Oscar de Melo.

Primeiramente, na edição nacional do Cidade Alerta (2017), escolhemos para análise uma “matéria especial” sobre uma mulher que foi encontrada morta em sua própria residência no município de Mogi Guaçu, em São Paulo. Denominamos “matéria especial” devido a ter características que misturam reportagem e notícia, já que não foi feito um levantamento da quantidade de casos anteriores ou quantas mulheres morreram com características de crime passional até o fechamento da pauta, mas sim um aprofundamento completo deste caso em específico que, segundo a polícia, o marido da vítima é o principal suspeito de ter cometido o crime.

A matéria que foi exibida no programa Cidade Alerta nacional da TV Record busca ir muito além do fato ocorrido. Percebemos que o registro do crime foi feito dias depois do acontecimento, já que não se mostra, em nenhum instante, o corpo da vítima e sim o túmulo em que ela foi sepultada. Devido ao trabalho de apuração das informações feita pela produção do programa, com uma investigação sobre o passado dos envolvidos, inclusive uma verificação nos *posts* das redes sociais da vítima, cria-se um contexto do caso, facilitando o entendimento do ocorrido para o telespectador. Outro ponto positivo é a descrição dos acontecimentos feita pelo repórter, que além de conversar com os vizinhos, familiares e amigos do casal, ainda acompanha como está o andamento das investigações por parte da Polícia Civil.

Já na edição local do Cidade Alerta, a notícia escolhida para análise é sobre uma mulher assassinada em Maceió, capital do estado de Alagoas (2017). Pelas características do homicídio, não foi um latrocínio (roubo seguido de morte), o que levou a guarnição da Polícia Militar, que atendeu ao chamado, a cogitar que se tratava de um crime passional. O gênero jornalístico é “notícia”, pelo fato de ser apenas um relato de um crime, o que passa a ser de interesse público, com características factuais, como um fato “quente” que não pode ser “guardado” pelo editor, mas sim noticiado imediatamente pelo jornal.

Ainda no Cidade Alerta Alagoas da TV Pajuçara, o repórter se restringe apenas ao ocorrido. A equipe de reportagem chegou ao local pouco tempo depois da polícia, que começava a levantar naquele momento as primeiras informações sobre o homicídio. Instantes após qualquer ocorrência policial, os dados são bastante desconstruídos, não se tem grandes informações sobre o homicida. Pelo que as testemunhas relataram aos policiais, sabe-se apenas que era um homem com características bem genéricas que efetuou vários disparos com arma de fogo contra a vítima, que tinha chegado a pouco tempo no bairro e morava sozinha.

O profissional de imprensa tem por ofício destrinchar a notícia e levar até o público para que ele seja devidamente bem informado, mas a matéria deixa mais dúvidas sobre o ocorrido do que esclarecimentos. Para Felipe Pena (2005), o repórter de TV acaba se tornando escravo da superficialidade, sob a perspectiva da visualização do fato. Organizada no tempo e não no espaço, a notícia televisiva sofre com mais intensidade os efeitos da velocidade. O “furo” da notícia não espera o dia seguinte, deve ser veiculado na hora, ao vivo e em cores.

Toda essa pressa para a veiculação do acontecido faz com que não se tenha tempo para produzir um material rico em informações para o telespectador, ficando algo bastante superficial. No caso desta análise, sabe-se apenas o nome da vítima, onde ocorreu o crime e que ela foi morta por uma arma de fogo. Tudo isso abre espaço para que uma informação errada ou falsa ganhe repercussão – o que pode ser muito perigoso.

No jornalismo policial exercido pela TV Pajuçara, o corpo vitimado é o destaque. No chão, coberto por um pano branco, ele é mostrado durante boa parte da matéria, simplesmente por não ter o que apresentar pela escassez de detalhes. A linguagem bem simples também chama atenção, porém se ouve muito uma velha máxima: “Uma imagem vale mais do que mil palavras”. Na televisão, isso é ainda mais explícito. Embora a imagem seja amplamente valorizada no telejornalismo, é o texto do repórter que vai dar o verdadeiro significado da informação. A esse respeito, é preciso considerar que:

A simplificação, ao contrário do que se pretende, impede a contextualização e o entendimento, e reforça a superficialidade, a banalização e a espetacularização. Componentes que estão longe de promover uma democratização do veículo, mas que se incorporam à cultura profissional do jornalista de TV, cuja imagem que faz da audiência e a velocidade com que produz a notícia também são fundamentais para entender o significado das informações veiculadas na telinha. (PENA, 2005, p. 86).

Sabemos que um fato novo de interesse público não pode ser guardado pela imprensa, mas sim divulgado imediatamente, principalmente quando a repercussão é local, no qual, fato se torna muito mais próximo dos telespectadores. Devido isso, a versão nacional do policialesco tem uma certa liberdade de exibir o acontecimento um pouco depois, já que como a repercussão do programa é em todo território nacional a notícia não perde força e continua atual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos exemplos aqui mostrados temos uma demonstração clara de dois extremos na produção do conteúdo jornalístico. A TV Record traz um fato bem apurado e inclusive com características investigativas, enquanto sua afiliada,

devido à pressa, tem uma cobertura feita quase que no momento do acontecimento, cuja a apuração fica muito deficiente pela escassez de informações, inclusive das fontes oficiais.

Sabemos que o erro não é exclusivamente dos profissionais de imprensa, já que eles são orientados a exercer sua função por meio de uma política editorial e organizacional do veículo de comunicação que trabalham e estas políticas sofrem uma interferência direta do setor comercial da empresa e do sistema político.

É necessário parar e pensar no comprometimento com a informação correta. Ao ocorrer um fato, ele deve ser noticiado, porém, quando não se tem nem as informações básicas sobre o caso, o correto seria fazer o registro do crime e não deixar com que o fato caia no esquecimento.

Após se passar um tempo, é importante ir à busca de mais detalhes e saber como está a investigação, possíveis suspeitos e mais informações sobre a vítima. O índice de soluções de crimes no Brasil é baixíssimo, devido a uma série de fatores, como o sucateamento e desvio de função dos policiais civis. Desse modo, a imprensa, por meio da repercussão gerada, é quem decide que crime passa ou não a ser investigado e solucionado. Devido a esses e outros fatores, os jornalistas têm uma função social muito relevante na sociedade.

REFERÊNCIAS

BORGES, R.S. **Jornalismo-verdade ou condenação sumária**: jornalismo policial e os mal-ditos no programa de TV. 2002. 178f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

CIDADE ALERTA RECORD. Mulher é assassinada de forma violenta; marido é o principal suspeito. **YOUTUBE**. 27 MAR. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CINB9PZlcYk>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

FIQUE ALERTA. Uma mulher foi assassinada a tiros no Canaã. **TNH1**. 20/03/2017. Disponível em: <<http://www.tnh1.com.br/tnh1-tv/canal/cidade-alerta-alagoas/single/video/uma-mulher-foi-assassinada-a-tiros-no-canaa-1/>>. Acesso em: 27 mar. 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 5.ed. São Paulo: Record, 2005.

MARCONDES, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1986.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2012. V. I.

Data do recebimento: 6 de setembro de 2017

Data da avaliação: 20 de setembro de 2017

Data de aceite: 3 de Outubro de 2017

1 Acadêmico do curso de Jornalismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: daniel-tavares@outlook.com.br

2 Acadêmico do curso de Jornalismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: matheustenorio-al@hotmail.com

3 Acadêmico do curso de Jornalismo do Centro Universitário Tiradentes – UNIT/AL.

E-mail: olivio.csf@gmail.com

4 Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Tiradentes UNIT/AL.

E-mail: daniellecandido@gmail.com